

Educação escolar indígena¹ e a bebida alcoólica²

Justino Sarmiento Rezende³
justinosdb@yahoo.com.br

“O que há de errado com o prazer? (...) Vemos um belo pôr-do-sol, uma linda árvore, um rio que flui num movimento largo e sinuoso, um rosto bonito, e isso nos dá prazer, um deleite. O que há de errado nisso? Parece-me que a confusão e a infelicidade começam quando aquele rosto, aquele rio, aquela nuvem, aquela montanha, tornam-se memória, e essa memória, então, exige maior continuidade de prazer. Queremos que estas coisas se repitam. (...) Seja algo sexual, artístico, intelectual ou qualquer outra coisa, queremos que o momento se repita, e eu penso que é aí que o prazer começa a obscurecer a mente e a criar valores que são falsos, não-reais. (...) Pois se a vida for apenas prazer, se desejarmos apenas isso, o prazer se torna infelicidade, confusão, ilusão, falsos valores que criamos e, assim, não há clareza”⁴

Iniciando a conversa

A nossa vida humana é mesmo uma construção contínua. Hoje volto para os primeiros meses de vida quando eu vivia no mundo muito especial, mundo só meu e este mundo foi o ventre de minha mãe. Lá eu fui sendo tecido pedaço por pedaço, dia após dia... Estava bem protegido. Eu gostava!

Um dia tive que deixar este mundo que era só meu. Como dizem os meus avôs deixei o *Banco da Vida* [útero materno; *Banco de Leite*: Õpekō kumurō (em tuyuka)] para os meus

¹ Trata-se de das observações feitas na região do Triângulo Tukano (Iauareté, Taracuí e Pari-Cachoeira), município de São Gabriel da Cachoeira/AM.

² Utilizo a expressão *bebida alcoólica* para referir: **caxiri** (com todas as denominações que recebem, com diversos graus de fermentação), bebidas alcoólicas (diversas) que vêm de fora.

³ O autor é indígena da etnia Tuyuka, do distrito de Pari-Cachoeira, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. É sacerdote da Sociedade de São Francisco de Sales (Salesianos), desde o ano de 1994. É Mestre em Educação [2007] pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande – MS [Área de concentração: Educação Escolar e Formação de Professores; Linha de pesquisa 3: Diversidade cultural e educação indígena]. Como sacerdote já atuou nas Missões Salesianas do Rio Negro, particularmente na Missão Salesiana de Iauareté nos anos: 1994-1996; 2004; 2007-2008. Este artigo foi produzido no período de 06/02/2009-24/02/2010. É um assunto bem complicado para escrever, mas importante.

⁴ J. Krishnamurti. *O que você está fazendo com a sua vida?*- Passagens selecionadas sobre as grandes questões que nos afligem. Rio de Janeiro, Nova Era, 2007, p. 62-63.

irmãos e irmãs que começaram viver depois de mim. Eu nasci para o mundo maior. Espantei-me vendo um mundo muito maior do que o ventre da minha mãe. Diversas pessoas cuidaram de mim. Envolvido pelos seus cuidados, carinhos e afetos eu crescia e percebia que existiam muitas pessoas ao redor de mim que sorriam, elogiavam, admiravam, incentivavam... Fui crescendo e aprendendo a viver com os meus parentes, irmãos maiores e menores, tios e tias, avôs e avós, primos e primas... Com as crianças de minha idade brincávamos, chorávamos, brigávamos, corríamos, caíamos e levantávamos juntos! Tudo isso aconteceu num lugar chamado Onça-Igarapé, um lugar bonito!

Por diversos anos a minha vida foi vivida nesse lugar: casa-família, convivência com os meus parentes da aldeia; acompanhar a minha mãe na roça; acompanhar o meu pai na pescaria e caça; convivência com os meus colegas... Com colegas da mesma idade nos horários de brincadeiras transitávamos nos areais para correr, cair e rolar; banhávamos nas águas frias e transparentes de Onça-igarapé; brincávamos juntos no pátio grande localizado no centro da aldeia e os nossos pais e parentes acompanham as nossas corridas, quedas, superação... Eles ficavam torcendo e achavam graça de nossas brincadeiras de crianças. Suávamos e ficávamos com os corpos cheios de terra. E, os nossos pais nos diziam: agora vão ao banho! Corríamos juntos e disputávamos para ver quem chegaria primeiro ao porto e quem cairia primeiro na água. Nadávamos entre correntezas de nossas belas cachoeiras. Voltávamos para casa e tomávamos o chibé ou manicoera [líquido de mandioca bem cozido] antes de deitar na rede que nos esperava dia inteiro. E, dormíamos!

Belas e exuberantes árvores envolvem o nosso povoado. Nelas os pássaros cantam suas melodias: tucano, papagaios, bem-te-vi, japiim, rouxinol... Corujas, sapos da noite, grilos, inambus fazem ressoar suas melodias que nos ajudam a dormir e também nos assustam às vezes. Os vaga-lumes produzem suas pequenas luzes que se movimentam de um lugar para outro.

Pouco a pouco fui conhecendo outros lugares, outros parentes, primos, primas... O mundo não era só nosso povoado. Existiam outras línguas, riquezas, práticas culturais...

Aos nove anos conheci nova realidade: escola! Através dela conheci novas culturas humanas indígenas e não-indígenas. Comecei a aprender outros conhecimentos, tive contato com outras informações, outras técnicas, outros fatos, outras habilidades... Aprendi outros conteúdos, outras realidades, outras pessoas. Por isso, em minha mente cada vez mais se fortalecia a ideia de tornar-se “outro” e esta mente fazia-me esquecer de mim mesmo e eu vivia me projetando para o futuro: “civilizado” [não-índio], especialista

profissional, técnico, conhecedor das culturas ocidentais, com emprego [dinheiro], vivendo em cidades etc.

Mais tarde, esta projeção futurista, foi reforçada pela minha saída da aldeia para cidade. Passei por algumas cidades e frequentei algumas escolas e universidades⁵.

Por alguns anos trabalhei no meio de meus parentes e conterrâneos indígenas do alto rio Negro... Conheci outras regiões geográficas e outros povos indígenas. São muitas riquezas que existem neste mundo! Muitas coisas boas continuam surgindo, outras desaparecendo e outras ressurgindo com novas formas...

Hoje eu sei dizer que existe um dinamismo muito forte no processo da construção histórica de nossas identidades indígenas. A vida indígena é dinâmica e complexa [rica, variada, desafiante, poderosa...]. As nossas culturas indígenas são os nossos espelhos! Elas são aquilo que nós somos!

Nós indígenas estamos passando por rápidas mudanças. Hoje criamos dentro de nós novas mentalidades a respeito de nossa vida, trabalho, costume, religião, educação, escola, ritos, danças, dinheiro... Muitas mudanças mexem muito com as nossas vidas. Muitos conhecimentos e valores recebidos de nossos pais [avôs; antepassados], dos primeiros professores [missionários] e conhecimentos religiosos que nos foram ensinados pelos missionários, hoje, passam pelo processo de desconstrução e ressignificação, isto é, nós compreendemos [valores, práticas culturais, conhecimentos do passado] de outra maneira para a nossa vida, hoje. Desconstruir e ressignificar não significam **apagar** da nossa história, isto é, devemos evitar dizer: **tudo** o que nos ensinaram no passado não presta e, por isso, vamos apagar!

Vejamos as nossas vidas, hoje! Apesar de sentirmos fortes mudanças em nós, nós temos também forte apego às nossas anteriores crenças, ideias, dogmas que os nossos avôs criaram. Elas sim, se apresentam como estáticas, nem sempre acompanham o dinamismo do mundo, das histórias, das pessoas.

⁵ Fui para Manaus porque eu entrei no Centro Vocacional Salesiano em 1980. Se não tivesse sido isso, a minha vida teria seguido outros caminhos e outros parâmetros educativos. Já estou peregrinando muitos anos fora de minha aldeia: CVS [Manaus: 1980-1982], Noviciado [São Carlos/SP: 1983], Pós-noviciado [Manaus: 1984-1986], Tirocínio [Porto Velho: 1987, Pari-Cachoeira: 1988], Teologia [São Paulo: 1989; Manaus: 1990-1992; Guatemala: 1993]. A partir do diaconato, Iauareté: 1994-1996 – ordenação sacerdotal [02/06/94], São Paulo: 1997-1999, Manaus: 2000-2003; Iauareté: 2004; Campo Grande/MS: 2005-2006, Iauareté: 2007-2008, Curitiba: 2009 e Marauíá: 2010...

Os nossos diversos estilos de vida estão exigindo novas abordagens para entender a vida humana. Nós ao contrário, tentamos respondê-los com instrumentos estáticos, acumulados em nossas mentes (crenças, idéias, dogmas, tradições...) e livros.

As famílias, as comunidades, lideranças, os educadores, professores, alunos, pais, gestores de escolas, administradores [coordenadores, associações...] procuram interagir em seus processos educativos [metodologias, pedagogias, conteúdos...] com os bens das heranças culturais étnicas e os das heranças culturais ocidentais.

O foco principal desta reflexão é a **bebida alcoólica na prática pedagógica de escolas indígenas**. O objetivo da reflexão é entender como uma das práticas culturais indígenas que é a **bebida** [em tukano: **sĩri'sehe**; em tuyuka: **sinirê**] usada pelas comunidades indígenas pode ultrapassar os limites ao ponto de dificultar o seguimento de programa educacional e sua qualidade.

Entre os povos indígenas do Triângulo Tukano [Taracuí, Pari-Cachoeira e Iauareté] utiliza-se a palavra **bebida** [em tukano: **sĩri'sehe niapfto** (tem bebida); em tuyuka: **sinirê niawũto** (tem bebida)] para se referir à bebida **caxiri** e outras **bebidas fermentadas, alucinógenas** [caapi] e **alcoólicas** [cachaça...].

A sua origem está mesmo na origem humana, por isso, possui seu sentido mitológico, social... A bebida é compreendida a partir de **Canoas** e **Casas de Transformações** [casas de origens; de surgimento], por isso, nos rituais de cantos-danças na **Casa de Canto-Dança** [**Basawi**; **Basariwi**]⁶ o caxiri passa pelo benzimento como um dos elementos que facilitará a boa interação dos participantes da festa.

Atualmente a bebida merece uma atenção e reflexão⁷ sobre a sua *compatibilidade* e *incompatibilidade* com as práticas educativas indígenas e, principalmente, com as práticas educativas escolares indígenas dos distritos de Pari-Cachoeira, Taracuí e Iauareté, município de São Gabriel da Cachoeira/AM⁸.

A reflexão baseia-se: a) na minha pertença-participação nas culturas indígenas do Triângulo Tukano; b) na observação, descrição e interpretação do modo de beber e as

⁶ Os não-indígenas denominavam de Maloca.

⁷ Não é fruto de uma pesquisa de campo. É uma descrição, interpretação e reflexão a partir da minha própria vida de Tuyuka.

⁸ Estes três distritos são denominados de Triângulo Tukano, por motivos de seus habitantes compreenderem e falarem a língua tukana: Tukano, Tuyuka, Tariano, Piratapuaia, Desano, Arapaso, Wanano, Kubeu, Carapanã, Mirititapuaia, Hupda, Yeba-masa, Barasana...

consequências que causam em nós pessoas [pais, mães, líderes, padres, professores, presidentes de associações indígenas...] que bebemos demais e nos nossos trabalhos [escolas, qualidade de ensino-aprendizagem, disciplina, presença e frequência às aulas; organização social: comunidades, organizações indígenas...].

1. Memórias das narrativas de meu avô⁹

Tratar do assunto de **bebida** [caxiri e seus derivados] é importante entender o valor e a prática de **trabalho** indígena: para fazer caxiri a pessoa tem que ter roça, pois na roça que se planta, maniwa [mandioca] e outras frutas que servirão de misturas. O caxiri é um dos resultados dos trabalhos.

Algumas memórias presentes em minha vida sobre os **modos de beber caxiri** são aquelas que meu avô¹⁰ me contava. Ele contava-me que os nossos avôs bebiam em diversos momentos da vida: dias de trabalho, festa com os irmãos da comunidade; festa de acolhida/despedita às visitas de parentes e primos; festas de ofertas [dabucuri] de frutas, animais [carne de caça], peixes, insetos... Dizia meu avô que, principalmente, bebia-se nas cerimônias rituais de iniciação masculina e feminina; cerimônias de cantos-danças. Bebiam os homens e mulheres, rapazes e moças.

Os adultos possuíam modos próprios de beber: algumas pessoas ofereciam o caxiri para que a pessoa bebesse quanto conseguisse; outras obrigavam a beber tudo; quem bebia, por sua vez, retribuía com a mesma quantidade obrigando outra pessoa a beber tudo o que tinha na cuia; outras pessoas ofereciam duas e até três cuias em seguida. Todas estas práticas eram realizadas entre risos e gargalhadas. O modo de oferecer o caxiri acontece de forma circular: todas as pessoas que tem caxiri oferecem às pessoas [homens e mulheres] sentadas de forma circular. Desta maneira o número de cuias que a pessoa sentada recebe depende de quantas famílias prepararam o caxiri. Em algumas comunidades a primeira rodada é de duas cuias para cada pessoa. Eu já vi também que em alguns momentos já

⁹ Meu avô Tuyuka era chamado de Higino Barreto Rezende [nome de benzimento: Buá]. Ele era Baya [mestre de cantos-danças], Kumu [pensador; entoador de mito; discursos cerimoniais], Basegũ [benzedor]. Meu avô faleceu no ano de 1983.

¹⁰ Utilizo o termo *avôs* seguindo a lógica do pensamento indígena do Triângulo que em língua tukana se diz: *marĩ ñekusumũã* = *nossos avôs*, para se referir ao que em língua portuguesa se costuma dizer *antepassados*.

oferece o caxiri na hora de cumprimentar... Existem muitas outras formas de oferecer o caxiri.

Estas realidades faziam com que cada família preparasse o seu próprio caxiri. As mulheres continuamente buscavam aprimorar o grau de fermentação do caxiri. O caxiri bem forte dava uma boa conceituação [mulher do caxiri forte] para a mulher e caxiri fraco diminuía tal conceituação. Os exímios bebedores do caxiri procuravam o caxiri mais forte. Para eles o significado da festa boa era a festa onde as pessoas se embriagavam.

As festas cerimoniais duravam até três dias [entre acolhida/chegada, festa e final]. As bebidas [caxiri com diversas denominações: **caxiri de cana**, **caxiri vivo**, **caxiri doce**, **caxiri de milho**, **caxiri de cará**, **caxiri de abacaxi**, **caxiri de batata**, **caxiri de cucura**, **caxiri de jambo...**] estavam bem presentes nestes dias [dia e noite]. Bebiam à vontade e até vomitavam. Muitas pessoas ficavam embriagadas. Dormiam, acordavam e tornavam a beber.

Os sábios, benzedores, cantores e dançarinos eram aqueles que aguentavam mais. Eles tinham que acompanhar cada momento da cerimônia. Os sábios benzedores pouco se levantam de seus lugares, permanecem sentados horas e horas. Sentar num mesmo lugar durante a festa é sinônimo de maturidade. Maduro é aquele que quando lhe dão um lugar ele permanece. Quem não é maduro fica mudando de lugar toda hora.

Os mestres de cantos e danças estavam bem ornamentados [plumas de japu, garças, arara..., braceletes, chocalhos...], por isso, mantinham certo controle. Por outro lado, eram eles que bebiam a bebida alucinógena caapi [sabor amargo], consumida em pequenas quantidades, reservada para eles e aos outros já iniciados.

O efeito da bebida caapi era de provocar visões [**kapi bauare** (em tuyuka) visão espiritual; inspiração, iluminação] sobre cantos, danças, benzimentos, discursos mitológicos e outros saberes aos consumidores. Para atingir tal nível, seguiam rituais de preparação: jejuns, abstinências de certos alimentos [**betire** (em tuyuka)], abluções com água [**oko usotire** (em tuyuka)] para purificação interior. Para que o caapi produzisse efeito esperado um benzedor especializado [**kapi doagu** (em tuyuka)] preparava a bebida caapi. Ele era pessoa idônea para tal serviço. Os conhecedores afirmam que cada momento de preparação é benzido por ele: na hora de cortar o ramo [**kapi-dari** (em tuyuka)] de caapi, hora de buscar a água [benzimento da água], benzimento na hora de socar o caapi... Assim é que o caapi traz consigo muitas forças imateriais [espirituais] capazes de levar o consumir para outro patamar [nível das divindades de danças; entoadores de mitos...] ou,

que as realidades divinas [luzes, iluminações, inspirações...] desçam para pousar em cima do indivíduo preparado [ele é como terreno bem fértil, onde é semeada a semente dos saberes de canto-dança, benzimento, mitos, cerimônias...] e ele através do seguimento disciplina estabelecida fará com esses saberes recebidos cresçam.

O benzedor do caapi é que determina, pela força dos benzimentos, os efeitos que aquele caapi e naquele tipo de canto-dança produza nos consumidores. É ele, que também conforme o andamento pode cortar o efeito do caapi. Assim é que o meu avô dizia.

É muito importante observar que nas festas rituais todos os elementos utilizados, ambientes e pessoas são benzidos. O espaço da casa de canto-dança [Basawi; Basariwi ou vulgarmente denominado de Maloca] era benzido; o **ipadu**, breu, **cigarro** [são elementos mitológicos que dão origem à humanidade, vida humana], o caxiri [com suas diversidades] eram benzidos. Todas essas forças imateriais [benzimentos; forças espirituais] geravam um contexto muito profundo para os participantes.

Após a participação de rituais os homens passavam um tempo determinado pelo benzedor, de abstinência e jejum de certos alimentos. Os homens casados que participavam diretamente de rituais de cantos, danças e utilização de ornamentos sagrados, também seguiam um tempo de abstinência sexual.

Estas disciplinas favoreciam a continuidade das revelações [divinas, espirituais, superiores sobre os cantos, danças, benzimentos, discursos mitológicos...] recebidas durante rituais. Por outro lado, serviam de prevenção de doenças que poderiam ser provocadas pelos espíritos de cantos-danças, ritmos, caapi, pinturas, cigarro, ipadu e que poderiam atingir fisicamente à pessoa [emagrecimento, dores de cabeça, tonturas; mordida de jararaca, ataque de onças...] caso não obedecessem às normas rituais.

Pelas memórias que eu tenho das narrativas de meu avô as festas não aconteciam semanalmente. Porém, sei que as festas tinham relações estreitas aos calendários solares e lunares [verão, rios enchentes, época de piracemas, caças; insetos, coleta de frutas...]; calendários do ciclo da vida: nascimento da pessoa [ritos de nomeação, banho, alimentação], ritos de iniciação masculina e feminina; rito de alimentação; calendários de relacionamentos interétnicos: visitas, acolhidas, despedidas, ofertas...

Com disse acima algumas festas duravam dois a três dias e com muita bebida. Depois das festas eles tinham um tempo de descanso. Ficavam dormindo durante um dia para recobrar as forças. Tal descanso estava previsto pelas tradições tuyuka. Por isso, a comida também estava prevista para acontecer neste dia. Durante as festas eles/as só [adultos]

bebiam e depois no dia de “dormir” [descanso] que juntavam a comida para a alimentação comunitária.

1.1. As forças positivas das festas

Essas são algumas observações minhas e não pretende ser completa. O leitor indígena e aqueles não-índios que conhecem as culturas indígenas desta região podem e devem ampliar os benefícios da bebida alcoólica. Os bons conhecedores das culturas indígenas podem recuperar o sentido da bebida alcoólica desde a narração do mito da origem do ser humano até aos dias de hoje.

Eu aponto algumas forças, mas dependendo do tempo de vida, da sua posição na hierarquia étnica [líder, benzedor, mestre de dança, mestre de discursos mitológicos, curador de doenças...] a lista de benefícios será bem maior. Não quero fazer entender que só no momento de bebida e festas que se transmitiam os conhecimentos. Muitos conhecimentos são transmitidos no dia-a-dia, fora das festas e sem bebidas alcoólicas: durante a madrugada, no caminho de roça, durante a pescaria/caça, durante as viagens, no final do dia – comendo o ipadu etc.

Veja alguns benefícios que se transmitiam durante as festas:

1. Transmissão de saberes étnicos: discursos de cumprimentos [acolhida, despedida], discursos mitológicos, discursos sobre os relacionamentos de parentesco...
2. Transmissão de benzimentos sobre o ciclo da vida: gravidez, nascimento, banho, alimentação, bebida, iniciação [masculina e feminina]; benzimentos para apaziguamento das doenças do tempo [chuva, trovões...]; apaziguamento das forças das florestas; apaziguamento das forças de animais [jararaca, onças...], insetos; benzimentos das doenças emergentes [gripes...]; benzimentos preventivos de acidentes de trabalho, convivência interétnica; benzimentos curativos; benzimentos das Casas de Canto-Dança; benzimentos da alma [nome; nomeação]; benzimento do envio do espírito do falecido para casa dos mortos...
3. Transmissão e prática de cantos e danças: cantos e danças relacionados ao tempo de fazer a roça [começo e fim]; cantos e danças para iniciação masculina e feminina; cantos e danças de apaziguamento das doenças; cantos e danças de apaziguamento das doenças do tempo...

4. Transmissão e prática de diversos ritmos de danças: diversos ritmos de danças mitológicos [popularmente: danças dos velhos]; inúmeros ritmos de dança do cariço; dança do japurutu; dança da cabeça do veado, caracol, osso de onça, tocar o jabuti, flautinha...
5. Cantos de improvisação de cantos de agradecimentos, pedidos [hãde hãde]...
6. Transmissão e aprendizagem das técnicas de fazer o caxiri: utilização de diversas misturas para a fermentação...
7. Fortalecimento da unidade étnica: o irmão maior pedia que as suas cunhadas fizessem caxiri; todos bebiam juntos; manter e fortalecer a consciência étnica...
8. Funcionamento do espírito organizativo: convidar e acolher as pessoas; preparar a farinha e beiju; organizar as caçadas e pescaria para alimentar as pessoas durante os dias de festas e pós-festa...
9. Prática e aprendizagem de práticas de pinturas corporais [jenipapo, urucum...], utilização de ornamentações...

A organização e o acontecimento destas festas envolviam viagens (ida e volta), festas, bebidas, comidas [caça e pesca; roça: farinha, beiju, caxiri], descanso... Intercalavam com o ritmo de vida do cotidiano e dias de festa.

1.2.As fraquezas das festas

A observação de nossas práticas culturais relacionadas à bebida mostra a modificação de nossos comportamentos nas áreas de saúde *física, mental, emocional* (espiritual). Embora, o nosso modo de ingerir *bebida alcoólica* pertença às nossas crenças culturais historicamente construídas, é importante observá-lo como algo que prejudica a nossa pessoa e nossa convivência social.

Nas últimas décadas a bebida alcoólica tornou-se um elemento insubstituível nos eventos programados pelos indígenas. Parece que nós indígenas não concebemos uma festa sem bebida, e muita bebida. Ter ou fazer bastante caxiri é sinônimo de poder, domínio sobre aquelas pessoas que não podem fazer bastante caxiri. As relações de poder funcionam muito bem aqui. Talvez, por isso, que todos querem fazer o caxiri para não demonstrar que são fracas [ou mais pobres] diante de outras pessoas. Diante desta relação de poder é comum ouvir dizer: “aquela pessoa não tem nem roça para fazer beiju, fazer farinha..., mas para fazer o caxiri tem!”

Hoje estou cada vez convencido de que nós indígenas, somos desde a nossa infância, condicionados [até mesmo sofrer, passar mal] pelos nossos dogmas, crenças, teorias construídas pelos nos avôs. Nós que ingerimos exageradamente¹¹ bebida alcoólica sabemos que gera diversos prejuízos, como estes que anoto:

1. Embriagar-se; perder forças; ficar caído dentro e fora da casa; ficar vomitando... É uma realidade bem antiga. Antigos viajantes [antropólogos não-índios; missionários] já faziam suas anotações sobre estas situações humanas [desumanas e degradáveis].
2. Desentendimento e briga por parte de algumas pessoas: relembrar os fatos passados; discussões, raiva, ressentimentos, vergonha, fuga...
3. Descuido das crianças durante as festas: as crianças ficam relegadas aos cuidados dos irmãos/irmãs [também crianças]; as mães oferecendo caxiri nas Casas de Canto-Danças [hoje: centros comunitários] e embriagando-se; algumas crianças chorando em casa querendo se alimentar; bebezinhos querendo mamar no peito da mãe, mas a mãe embriagada sem condição de cuidar da criancinha...
4. Roubos: enquanto a maioria está na Casa de Dança acontecem roubos nas casas [objetos de uso pessoal, alimentação...].
5. “Roubo” de mulheres e homens: alguns rapazes que levam as meninas para a escuridão para a relação sexual ou vice-versa; surgimento da gravidez indesejada; abortos; desentendimento de pais da menina o rapaz que “roubou” ou com os pais dele...
6. Surgimento de algumas doenças graves após festas: envenenamento por ervas e “sopros” venenosos...
7. Em muitas ocasiões: vergonha, medo, culpa por atos cometidos conscientemente [gritarias, grosserias, agressão...]; culpa por não saber o que se fez durante o “apagamento” [outros contam: você fez isso, não se lembra?].
8. Indisposição para o trabalho e para a alimentação durante e depois das festas: ressaca, ânsia de vômitos, diarreias...

2. As influências das práticas culturais não-indígenas

As culturas são construções históricas e se modificam ao longo do processo histórico de cada povo. As culturas dos povos que habitam o Triângulo Tukano passaram por diversas

¹¹ A preocupação não é com as pessoas que sabem se controlar.

mudanças na medida em que se ampliaram contatos com outros povos, indígenas e não-indígenas. Algumas práticas culturais mantêm sua semelhança com as do passado. Algumas diferentes práticas culturais surgiram através de contatos com outras culturas não-indígenas. É importante entender que os homens e as mulheres são seres históricos, possuidores de riquezas e fraquezas. Quem trouxe as práticas culturais entre nós não são exceção. Vejamos:

1. As práticas evangelizadoras dos cristãos católicos entraram nas culturas indígenas e contribuíram para a modificação de algumas práticas culturais indígenas. As práticas culturais foram ressignificadas, desconstruídas, reconstruídas...
2. Hoje, a maioria dos povos desta região é cristã. O contato com cultura cristã proporcionou a assimilação com outros dogmas, crenças, ideias, filosofias, teologias...
3. As práticas educativas escolares entraram nas culturas indígenas e contribuíram para transmitir conhecimentos ocidentais através de diversas disciplinas escolares: português, matemática, história, ciências, religião, geografia...
4. No início [1915] da prática evangelizadora [salesianos e salesianas] entre os povos do Triângulo Tukano, os não-indígenas eram agentes de evangelização e os indígenas éramos destinatários.
5. Com o passar dos anos e décadas nós indígenas fomos assumindo diversas tarefas de evangelizadores. Hoje somos evangelizadores de nossos parentes: catequistas [pregadores da Palavra de Deus, dirigentes de Cultos Dominicais...], preparadores de Sacramentos [Batismo, 1ª Eucaristia (confissão), Crisma, Matrimônio], temos Ministros Extraordinários da Eucaristia [homens e mulheres], temos padres e irmãs [freiras]. Em algumas coisas levamos vantagens em relação aos missionários não-indígenas: conhecemos a Palavra de Deus através de seus ensinamentos; conhecemos nossas culturas e culturas não-indígenas; falamos a nossa própria língua e entendemos a língua portuguesa... Temos muitos instrumentos para utilizarmos nesse campo.
6. As práticas educativas escolares surgiram conjuntamente com as práticas evangelizadoras. Por isso, seguiram a mesma dinâmica da evangelização. Inicialmente, os próprios missionários [salesianos e salesianas] não-indígenas eram professores, educadores, administradores, gestores, diretores. Os ex-alunos mais antigos até hoje se orgulham de terem estudado com os missionários. Afirmam: “nós não estudamos com “gente” [gente aqui é indígena] como vocês estudantes de hoje”. Esta afirmação quer dizer: “nós estudamos com donos do saber” [fontes dos saberes escolares]; ainda: “o verdadeiro saber escolar é

transmitido pelos não-indígenas, pois a Escola é uma instituição ocidental [entendida como não-indígena]”.

7. Com o passar dos anos e décadas nós indígenas fomos aprendendo conhecimentos e técnicas ocidentais: conteúdos, didáticas, metodologias, pedagogias, filosofias... Fomos assumindo diversas tarefas no campo da educação escolar. Iniciamos como alunos, depois algumas pessoas passaram a ser professores para transmitir os saberes escolares [cultura escolar] aos nossos parentes. Hoje muitos parentes nossos estão assumindo funções de gestão escolar. Existem outros setores sendo assumidos pelos indígenas: Conselhos de Educação Escolar [estadual e federal] e Secretarias Municipais de Educação. Já percorremos um longo caminho e construímos nossas histórias no campo da educação escolar. Somos educadores de nossos parentes. Em algumas realidades levamos vantagens aos não-índios: conhecemos [devemos ter domínio] os conteúdos das disciplinas [matérias]; conhecemos [devemos ter domínio] nossas culturas e culturas não-indígenas; muitos falam a própria língua ou pelo menos se fala a língua tukana; porém, poucos professores manuseiam este meio de comunicação na sala de aula, a língua preferida é a língua portuguesa... Temos muitos instrumentos das culturas indígenas para utilizarmos nesse campo, porém, não aproveitamos. E, temos que utilizá-los, pois não temos mais como colocar culpa nos não-indígenas pela falta de qualidade de ensino em nossas escolas. Se os filhos de nossos parentes indígenas [e nossos filhos] não conseguem aprender os conteúdos escolares vamos ensiná-los com as línguas que eles possam compreender melhor; se eles quiserem que lhes ensinemos em língua nacional vamos ensiná-los com a língua portuguesa etc. Hoje, quantos mais línguas o professor tiver domínio será melhor, pois numa mesma sala existem alunos provindos de diferentes etnias. A filosofia intercultural de nossas escolas deve promover a utilização de instrumentos educativos interculturais.

3. Práticas educativas escolares e bebida alcoólica

O espaço escolar é um espaço novo em nossas culturas indígenas, embora, constatemos que muitos programas educacionais “(...) estabelecem relações estreitas com projetos familiares e comunitários. (...), entrelaçam, confundem, dificultando a percepção de onde começa e termina uma prática escolar etc. (...). Algumas atividades se distinguem como

atividades escolares, porém, a maioria é comunitário-escolar. Os projetos envolvem pessoas da comunidade e da escola. Há uma intensa negociação de espaços, tempos, agentes, líderes comunitários, pais, professores, anciãos, coordenador e alunos. Em outros momentos os professores e coordenador interferem com maior intensidade na vida comunitária do que lideranças comunitárias. (...). As práticas individuais (familiares) parecem perder um pouco de sua autonomia, no sentido de que em alguns momentos as comunidades acabam se envolvendo mais com o projeto escolar, deixando de lado os trabalhos pessoais” (REZENDE, J. S., 2007, p.189-190)¹².

Nestes últimos anos, principalmente, quando nós indígenas assumimos os programas educacionais para recuperar e revitalizar os nossos saberes/conhecimentos e práticas culturais, incluímos o nosso **caxiri** nas nossas práticas educativas escolares. Como já acenei o caxiri não se resume apenas na bebida [beber], mas é um evento social com todas as suas riquezas e limitações. Mas o caxiri nas últimas décadas está provocando algumas preocupações e incômodos e disso os gestores, pais, alunos, professores, administradores, secretários, assessores escolares já devem ter percebido.

Esta reflexão não é nova. Em nossa região já foram realizadas diversas assembleias para estabelecerem novos objetivos e estratégias para *aumentar a qualidade da vida dos povos indígenas*.

Também sobre o alcoolismo alguns pesquisadores já realizaram trabalhos em suas dissertações de mestrados e teses de doutorados¹³; publicação de artigos em revistas científicas... Os resultados destas dissertações e teses não são de domínio público [a maioria do povo não tem acesso, não conhece] e muito menos de conhecimento de nós indígenas, mesmo que as pesquisas tenham sido realizadas no meio de nós.

Hoje, dentro da educação indígena e educação escolar indígena na região do Triângulo Tukano, é importante organizar programas educacionais que **ensinem** a *viver e lidar com a vida*. Estes e outros problemas estão bem presentes em nossa região: os **sofrimentos** da vida [falta de dinheiro, falta de emprego, falta de perspectivas melhor para a vida...], **solidão** [os velhinhos vivendo sozinhos sem amparo familiar; os filhos

¹² JUSTINO S. REZENDE. **Escola Indígena Municipal Utápinopona-Tuyuka e a Construção da Identidade Tuyuka**. Campo Grande/MS, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), (Dissertação de mestrado), 2007.

¹³ O mais recente trabalho é (pesquisa feita em Iauareté): MAXIMILIANO LOIOLA PONTE DE SOUSA. **Juventude, uso do álcool e violência em um contexto indígena em transformação**. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Fernandes Figueira, (Tese de Doutorado – Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher), outubro/2009.

crecem, casam e deixam só os pais...], **confusão** perante os desafios da vida [insegurança, medo...], **sentimentos de fracasso, ansiedades** [dependência do passado (do êxito e do fracasso)], medo do presente e futuro [não se arriscar, não apostar...]; viver no futuro [não ter os pés no chão; viver sonhando...]; **desespero** [suicídios, enforcamentos, beber veneno, beber timbó...], **violências** [tornar-se agressivo; pensar e agir como se todos estivessem contra]; criar brigas para se mostrar [ser visto, ser respeitado; auto-exclusão social], **doença emocional** [tristeza, frustração, não ser amado, ciúmes...]; **lidar com a alegria, dinheiro, sucesso, conquistas** [desequilíbrio após atingir vitórias, sucessos: desvio de dinheiro; não prestar contas; entregar a vícios...], **cargos, funções...** [poder mexe com as nossas cabeças; pensar que é dono do mundo; dono da verdade; não ouvir os conselhos...] e **dependências à bebida** [vontade louca para beber, todo dia e toda hora; tremedeiras, visões, alucinações (fantasmas, macacos...; **cirroses**, diarréias, emagrecimentos, barriga da água...].

Estas realidades novas desafiam as nossas culturas indígenas atuais. Como lidar com estas novas realidades? As sociedades não-indígenas possuem instituições para atender essas realidades humanas [hospitais, psicólogos (as), psiquiatra, grupos de auto-ajuda, centro de tratamentos; acompanhamentos profissionais personalizados e grupais. Nossas escolas não possuem estas oportunidades. Mas como poderiam ser pensadas estas realidades?

Os educadores, professores, alunos, pais, gestores, administradores, assessores pedagógicos indígenas [APIs] das escolas dos distritos acima citados estão interagindo bem com os bens das heranças culturais étnicos e os das heranças culturais ocidentais. Estão construindo seus projetos político-pedagógicos.

Temos algumas realidades que ultrapassam os nossos esforços e práticas. Neste contexto que a matéria da **bebida alcoólica** deve tornar-se um assunto a ser repensado com urgência, sobretudo sobre as forças negativas que estão surgindo e atingindo alguns educadores (as), professores (as), alunos (as) e, pessoas em geral.

Nesta região poucas pessoas [indígenas] podem se considerar não-bebedoras. Para falar deste elemento cultural baseio-me na minha própria experiência com a bebida [sofrimento, vergonha, medo, insegurança, falta de credibilidade...] e no conhecimento que tenho sobre as realidades dos povos indígenas desta região. Alguns de nós não queremos estar nestas situações degradantes, mas não temos forças suficientes para sair delas sozinhos. Algo superior a nós e até mesmo pessoas corajosas devem surgir em nossas vidas para salvar as nossas vidas, tirar do fundo de poço, surgir como salva-vidas [temos que segurar nelas para não morrer afogados].

Quando a **bebida** começa tomar conta de nossa vida, nossa vontade, nossa liberdade, nosso dinheiro, nossas roças... é hora de desconfiar que algo muito sério está acontecendo conosco. Quem bebe demais sabe que quando estamos bem mal [ressaca, bebendo água, querendo vomitar, sem vontade de comer, tremendo, com preguiça, endividados, com medo, vergonha...] após as festas, nos comprometemos a não beber mais, a beber menos, não fazer mais caxiri e até mesmo não ir mais para festas. Basta que passe as nossas malditas ressacas, tristezas e vergonhas, lá estamos de novo bebendo! Ou para superar a vergonha continuamos bebendo mais. Assim para muitos de nós vira uma rotina [**beber-passar mal, recuperar-beber**]. Perdemos a moral diante da família, filhos, alunos, povo, das instituições... Outras pessoas continuam gozando de nós, explorando a nossa dependência, perdemos dinheiro, criamos dívidas, os comerciantes não querem mais atender [vender] porque está devendo demais [ficamos com a fama de maus pagadores]. Quem é casado leva xingamento da esposa porque o marido nada traz para casa, a não ser o porre... Não compra as coisas para as necessidades dos filhos...

No início deste artigo eu recuperei algumas memórias presentes na minha vida/história sobre o significado da bebida [caxiri, caapi...]. A herança histórica que herdamos nos leva a afirmar: “nós somos netos dos que beberam em diversos momentos da vida, história; beber faz parte de nossa cultura”. Falando assim, estamos decididos a continuar com este modo de beber. A decisão menos adequada para nós, hoje, seria: saber que está nos prejudicando e continuar com aquilo e cada vez pior!

Você já imaginou alguma vez parar de beber? Quantos ganhos você teria na sua vida se não bebesse e/ou bebesse normalmente? Muitos de nós temos medo de parar de beber por imaginarmos que se não bebermos os nossos amigos não vão mais gostar de nós, que não vai poder mais ir para festas e que se sentiria estranho no mundo... São as nossas racionalizações, justificativas para continuar bebendo!

Hoje em dia alguns sentidos vividos (dogmas, crenças, teorias) pelos nossos avôs permanecem e recebem as variações próprias que cada pessoa vai criando num contexto bem determinado [tempo, espaço, pessoas...]. Mas podemos criar outras crenças, ideias sobre a nossa vida e nossos trabalhos.

Algumas características se assemelham com as características apontadas no início, porém, surgem novas características [quem é da região irá se identificar]:

3.1. As forças positivas das festas atuais

As inúmeras mudanças das realidades indígenas apontam características próprias. Algumas características culturais de nossos avôs estão acontecendo nos espaços escolares denominados “escolas indígenas” com a finalidade de revitalizar as práticas culturais atuais. Existem outras práticas culturais recentes relacionadas às práticas culturais ocidentais. Vejamos algumas características:

1. Transmissão de saberes étnicos: discursos de cumprimentos [acolhida, despedida], discursos mitológicos, discursos sobre os relacionamentos de parentesco, principalmente onde funcionam as escolas indígenas.
2. Transmissão de benzimentos do ciclo da vida: gravidez, nascimento, banho, alimentação, bebida, iniciação [masculina e feminina]; benzimentos para apaziguamento das doenças do tempo; apaziguamento das forças das florestas; apaziguamento das forças de animais, insetos; benzimentos das doenças emergentes; benzimentos preventivos; benzimentos curativos; benzimentos das Casas de Dança; benzimentos da alma [nome; nomeação]; benzimento do envio do espírito do falecido para casa dos mortos, principalmente onde existem as escolas indígenas.
3. Transmissão de cantos e danças: cantos e danças relacionados ao tempo de fazer a roça [começo e fim]; cantos e danças para iniciação masculina e feminina; cantos e danças de apaziguamento das doenças; cantos e danças de apaziguamento das doenças do tempo...
4. Transmissão de diversos ritmos de danças: diversos ritmos de danças mitológicos [popularmente: danças dos velhos]; inúmeros ritmos da dança do cariço; dança da japurutu; dança da cabeça do veado...
5. Cantos de improvisação de cantos de agradecimentos, pedidos [hãde hãde]...
6. Transmissão das técnicas de fazer o caxiri: utilização de diversas misturas para a fermentação...
7. Unidade dos moradores: o irmão maior [atualmente é o líder da comunidade com sua equipe de animadores] pedia que as suas cunhadas fizessem caxiri; todos bebiam juntos; manter e fortalecer a consciência étnica...
8. O espírito organizativo: convidar e acolher as pessoas; preparar a farinha e beiju; organizar as caçadas e pescaria para alimentar as pessoas durante os dias de festas e pós-festa...

9. Aprendizagem de práticas de pinturas corporais (jenipapo, urucum...), utilização de ornamentações...
10. Organização das festas ligadas à cultura cristã [Batizados, 1ª Eucaristia, Crisma, Casamento, Aniversário, Casamento; festa de padroeiros]: aprende a convidar e acolher os convidados; aprender a participar dos banquetes como convidados; levar presentes; participar dos bailes; contribuir com alimentos, caxiri e outras bebidas...
11. Festas conclusivas: assembléias de associações indígenas (dabucuri...); finais de cursos: agradecimentos aos formadores.
12. Festas de tomadas de posses: agradecimento às lideranças que saem e posse aos novos líderes das comunidades e seus animadores...

3.2. As fraquezas das festas atuais

O consumo de bebida alcoólica nas últimas décadas atinge muitas pessoas, e também pessoas envolvidas com o processo de educação escolar. Em Iauareté, por exemplo, em diversas assembleias, reuniões das comunidades e reuniões de pais, se tratou de diminuir o caxiri e dias de festas para que os alunos não sejam prejudicados. Porém, poucas vezes, tais discussões se tornaram ações efetivas e positivas. Na mesma proporção de indiferença perante as propostas não assumidas para diminuir a bebida nas comunidades se viu o aumento de algumas características, como estas:

1. Aumento do caxiri: muitas famílias e comunidades fazem caxiri todos os finais de semana. Está havendo uma obsessão pela bebida [pensamento muito ligado pela bebida; um bom final de semana é quando tem caxiri].
2. É bem visível a dependência dos compulsivos [vontade incontrolada para beber] pela bebida. Com a aproximação do final de semana aumenta a ansiedade [falta de concentração no trabalho; só esperando que termine logo o trabalho; alguns até abandonam o trabalho, aulas...] pela bebida: procurar quem tem a bebida para vender/comprar; quanto custa...
3. Há pessoas que vivem do comércio de caxiri: interesse é vender e lucrar; não pensa nos prejuízos...
4. Para fazer a bebida com mais rapidez algumas pessoas até utilizam o fermento de pão para fermentar mais rápido.

5. Para que o caxiri fique mais forte [compradores compram mais e ganhar mais], comenta-se que algumas pessoas colocam um pouco de líquido de timbó [raiz venenosa].
6. Em outros lugares servem caxiri misturando com cachaça (álcool). Hoje, o que interessa mesmo é atingir o mais rápido possível ao estado de embriaguez. Quando mais a bebida se apresenta mais forte é mais procurada pelos consumidores.
7. Aumenta o número de consumidores (bebedores) adolescentes e jovens, meninos e meninas.
8. Quem prepara o caxiri, geralmente, não são os jovens, mas os adultos. Os adolescentes e jovens bebem em grupos. Passam nas casas de amigos para beber; bebem juntos meninos e meninas; maioria deles quando chega aos Centros Comunitários já está embriagada.
9. O consumo de açúcar aumentou entre a população, mas não é para tomar com café (leite) ou suco, e, sim para fazer o caxiri.
10. Antigamente completado aqueles dias de festa, o caxiri que sobrava era jogado fora. Hoje, as pessoas saem de casa em casa juntando o que sobrou, vão coando para aproveitar até as últimas gotas, nada se perde.
11. Devido ao exagero de bebida muitos jovens e adultos criam problemas: perder forças; ficar caído; ficar vomitando; criar brigas nos Centros Comunitários; brigar em grupos contra outros grupos de outras vilas [gangs, mascarados, encapuzados, carregando facas nas cinturas...]; ferimentos, esfaqueamentos e até mortes [assassinatos, afogamentos, enforcamentos].
12. É difícil ver uma festa que acaba bem. Geralmente, as lideranças acabam as festas antes do horário previsto devido às brigas...
9. Descuido das crianças durante as festas: as crianças ficam relegadas aos cuidados dos irmãos/irmãs (também crianças); as mães oferecendo caxiri nos centros comunitários e embriagando-se; algumas crianças chorando em casa querendo se alimentar; bebezinhos querendo mamar no peito da mãe, mas a mãe embriagada sem condição de cuidar da criancinha...
10. Roubos nas residências, nos comércios, nos galinheiros, nos lagos de peixe, enquanto a família toda está nos Centros Comunitários.
11. “Roubo” de mulheres e homens: alguns rapazes que levam as meninas para a escuridão para a relação sexual; surgimento da gravidez indesejada; aumento de mães e pais solteiros; desentendimento de pais da menina o rapaz que “roubou” ou com os pais dele... Hoje surgem as doenças sexualmente transmissíveis. Aumenta quantidade de abortos entre as jovens.

12. Surgimento de algumas doenças graves após festas: envenenamento por ervas e “sopros” venenosos...
13. Mortes durante as viagens por excesso de consumo de bebidas.

4. Até que ponto a *bebida alcoólica* é compatível e incompatível com as práticas educativas escolares na região do Triângulo Tukano?

Em Iauareté eu convivi com as pessoas de diversas comunidades, pessoas de diversas etnias e de diferentes idades. Quem mora neste lugar já deve ter notado que o nosso modo de beber e a frequência com a qual fazemos festas desestabiliza o funcionamento normal das comunidades e escolas¹⁴: agressões físicas, arrombamentos de comércios, brigas, esfaqueamentos, enforcamentos, roubos de motores de popas, rabetas, voadeiras... Tira a tranquilidade do povo, geram desconfianças, medos, inseguranças, revoltas, contrabando de bebidas...

Na escola São Miguel, por exemplo, era comum, na segunda-feira, muitos alunos chegarem atrasados à escola e, serem dispensados [pode ser que já tenha mudado] das aulas. Os alunos saíam satisfeitos porque era o bom motivo para continuar bebendo [mais um dia]. Da mesma forma alguns professores (homens). Assim para esses alunos (as) e professores o dia letivo iniciava-se na terça-feira e acabava na quinta-feira, pois na sexta-feira alguns já escapavam para beber já no intervalo de aulas [já existiam pessoas vendendo o caxiri]. A bebida atinge também outras programações: reuniões comunitárias, programações religiosas, programações esportivas [diversas vezes eu vi uma equipe inteira não comparecer durante o jogo marcado].

Aquelas pessoas que já ingeriram a bebida alcoólica, principalmente, quem bebeu demais já sentiram na vida algumas dessas situações:

- a) Em *nível físico*: ressaca: indisposição para se alimentar; dores de cabeça, tonturas, tremedeiras; dores de estômago, diarréias, ânsia de vômitos; insônias ou sonolências; cansaço, fraqueza, olhos avermelhados; marcas de brigas [ferimentos]; marcas das quedas...
- b) Em *nível mental*: diminuição da vontade de trabalhar e estudar; diminuição da motivação para fazer coisas boas; desatenção e desconcentração impedem o

¹⁴ Essas minhas observações foram feitas nos anos de 2007-2008. Já estou fora a um ano desta realidade, por isso, peço ao leitor que confira a atual realidade.

exercício de ensinar e de aprender; inquietação, ansiedade; não lembrar as coisas; não organizar as ideias...

- c) Em nível *emocional* (espiritual): vergonha, medo, raiva, culpa (culpar a si mesmo e aos outros), auto-piedade, auto-condenação; aguentar gozação dos outros; irritabilidade, hiper-sensibilidade, mentiras, acusações, arrependimentos, promessas; apagamentos (não lembrar-se do que fez e do que falou)...

A partir destas características apresentadas por algumas pessoas de nossas comunidades poderíamos nos perguntar. Será que a nossa bebida, nosso caxiri já não está nos deixando doentes e dependentes?

Os especialistas em alcoolismo afirmam que o alcoolismo é uma doença *progressiva, incurável e fatal*. O alcoolismo é uma doença *física, mental e emocional* (espiritual). Entre a população indígena do Triângulo Tukano, alguns têm predisposição para desenvolver o alcoolismo. É fácil encontrar pessoas em estágios avançados de alcoolismo, dependentes do álcool para viver, trabalhar... E, muitas mortes já aconteceram e a causa da morte foi o consumo da bebida alcoólica: cirrose hepática, assassinatos, enforcamentos, envenenamentos, afogamentos... Como aconteceu com muitas pessoas pode acontecer comigo e com outros, se continuarmos bebendo...

No espaço escolar diminui a qualidade no processo (momento) de ensino-aprendizagem. Alguns professores em alguns dias não estão em condições para ensinar [física, mental e emocional]. Muitos alunos não conseguem assimilar os conteúdos, o rendimento dos alunos é baixo.

A bebida atrapalha a presença dos alunos e professores em salas de aula. Os professores não dedicam o tempo para preparar aulas nem alunos para fazer as tarefas. O poder de concentração do aluno diminui à medida que se encaminha no caminho de bebedeiras. A sonolência impede a atenção e a aprendizagem. A ansiedade tira a concentração nos temas da aula, pois leva a pessoa estar presente mentalmente em outros espaços... É bem certo que no final de semana os estudantes [adolescentes, jovens, adultos] dificilmente dedicarão tempo para estudar, fazer tarefas. E, o que dizer do professor? Será que ele/ela dedica o tempo de final de semana para preparar suas aulas, corrigir tarefas dos alunos, concentrar-se para transmitir bem os conhecimentos?

Nas semanas que não têm festas é visível o entusiasmo dos educadores, professores e alunos. A alegria está estampada em seus rostos, sorrisos são diferentes, o interesse pelos temas de aulas aumenta [eles vêm perguntar, consultar]. Também os professores ficam

animados, sem aquela ressaca emocional [vergonha, desconfiança...]. Sabem que estão fazendo o seu melhor e sabe que está certo o que está fazendo. Os gestores e administradores, também ficam tranquilos, sem necessidade de ficar com medo de alguns alunos e professores que não estão seguindo o projeto de educação da instituição. Assim, é fácil perceber a capacidade indígena para educação escolar e a qualidade que isso gera.

Basta ter bebida para estragar este cenário bonito. Já aconteceram casos, em algumas escolas levarem bebidas na sala de aula e brigar. E, o que dizer com os bafos de caxiri que se espalham e atrapalham os alunos que gostaria de ter um ambiente tranquilo para aprender? E o que dizer dos roubos de litros de álcool das escolas? Quem pode ser? Alunos e professores irritados circulam pelo espaço escolar! A agressividade e raiva são utilizadas como defesas diante do gestor (a) ou coordenar (a). E, muitas vezes nós indígenas temos medo um do outro. Chamar atenção de um professor e aluno é correr risco de ser agredido! Assim aparecem as consequências de nossos consumos exagerados de bebidas.

Por outro lado, há esforços de muitas pessoas para cumprir bem com os compromissos: liderar uma reunião, lecionar, estudar... Estas pessoas estão dentro da porcentagem de pessoas que sabem beber.

Uma pessoa que tem predisposição para se tornar alcoólatra (ou alcoólico; dependente) no início de sua carreira alcoólica é sempre mais forte, bebe mais, aguenta mais... E, até leva os outros para casa e volta a beber. Ele se considera forte. E, no entanto este pode se tornar um alcoólatra. Até certo estágio de sua bebedeira a tolerância de seu físico é grande, por isso, bebe mais, aguenta mais... Mas com o tempo da progressão de seu alcoolismo a tolerância diminui, ele se torna fraco e vai sendo destruído progressivamente. Por isso, se afirma que o alcoolismo é doença *progressiva, incurável e fatal*. De fato a Organização Mundial de Saúde classificou o alcoolismo como uma doença que causa um *transtorno mental e comportamental*. A doença do alcoolismo não tem cura, mas pode ser estacionada. Para isso, não deve ingerir nenhum tipo de álcool, quantidade nenhuma e em nenhuma ocasião. É importante dizer que quando alguém pára de beber (deixa de beber), caso venha a recair (voltar a beber) ele começa beber donde parou [não vai começar do zero].

Essa constatação com o progressivo agravamento de alcoolismo em algumas pessoas da nossa região serve como alerta para começarmos reflexão séria e comprometida. Porém, não significa acabar com a bebida alcoólica. Nem toda a população é alcoólica. Seria apenas alguma porcentagem (10%) da população. Uma grande porcentagem não tem predisposição para se tornar um alcoólatra.

Entre nós indígenas do Triângulo Tukano, o caxiri que é a bebida mais tradicional está se tornando uma bebida cada vez mais intensa. Em alguns distritos, como disse acima, o caxiri tornou-se um produto de venda-compra-lucro. Quem faz o caxiri entrando dentro dessa dinâmica não se preocupa tanto com os prejuízos que estão causando para os seus filhos e parentes.

Sendo um elemento importante das culturas indígenas da nossa região o caxiri torna-se um elemento que move parte da educação indígena e educação escolar indígena. Afirmamos que durante a bebida que se ensina algumas práticas culturais indígenas. É verdade. Por outra parte, os discursos de defesa do nosso caxiri e outras bebidas alcoólicas são mecanismos de defesa para continuar bebendo. Muitas vezes só paramos para refletir com mais profundidade sobre as consequências negativas diante das mortes: afogamento, suicídio [enforcamento; tomar timbó...], assassinatos, brigas... Também são sentimentos de dor e de revolta, bem passageiros. No fundo de nossa alma perguntamos e buscamos alguma saída melhor. *“Por que queremos mudar o que é, ou causar transformação? Por quê? Porque o que somos não nos satisfaz. Isso cria conflito, distúrbios, e não gostando dessa situação, queremos algo melhor, mais nobre, mais idealista. Então, desejamos transformação porque há dor, desconforto, conflito”* (KRISHNAMURTI, J., 2007, p. 67-68).

Se olharmos bem para as nossas histórias indígenas, elas nos mostrarão que nas épocas de nossos antepassados não existiam escolas. Hoje temos escolas com todas as suas exigências: disciplinas, presenças, pontualidade, participação, calendários, avaliação (provas...). Estamos vivendo e construindo outras histórias. As histórias nós que as fazemos. Elas são do jeito que nós somos e do jeito que fazemos.

Já construímos muitas realidades bonitas desde os nossos avôs até aos dias de hoje. As escolas estão aí. Nós queremos e fazemos as escolas. Queremos continuar indígenas, mas também queremos aprender riquezas culturais de outros povos não-indígenas. Quais práticas culturais indígenas devem ajudar a construir nossas escolas? Será que as escolas são **Escolas de Transformação** [nas mitologias de nossa região: **Casas de Transformação**] Como vamos lidar com a bebida alcoólica e suas consequências nas pessoas com as quais trabalhamos? Falar dessa realidade é preocupar-se com a vida das pessoas em geral: pai, mãe, lideranças (políticas, religiosas, civis), filhos, netos; jovens e adultos. A bebida alcoólica gera para as pessoas, prejuízos financeiros... Poderíamos nos perguntar: quanto dinheiro eu gastei comprando caxiri e outras bebidas alcoólicas desde que comecei a beber? Quantas vezes eu fui roubado porque estava bem passado em bebida? Quais materiais de necessidade pessoal, familiar e comunitária eu deixei de

comprar? Que prejuízos eu dei para minha comunidade, minha associação por estar bebendo? É bem verdade que não podemos lamentar pelo que já passou, mas não é proibido imaginar que se não fosse a bebida tirar o nosso dinheiro, muitas pessoas teriam adquirido muitas coisas para suas casas, famílias e comunidades!

Na nossa região do Triângulo Tukano muitas pessoas ganham o dinheiro: funcionários públicos; professores, enfermeiros, militares; aposentados, recebem dinheiro dos programas de Governo; ganham dinheiro porque são pescadores; que vendem cipó; são serradores... Certa importância em dinheiro é gasta com a bebida [cerveja, cachaça, caxiri...]. É comum ver que quem não é controlado pela bebida, constrói casas melhores, compra móveis para casa, compra motor de popa, voadeira; monta comércio; compra roupas...

Vendo com mais atenção a bebida alcoólica atrapalha a vida dos povos indígenas da nossa região. Destrói [divide, geram brigas, abandonos das comunidades...] as comunidades. Destrói a sociedade [brigas, gangs, assassinatos, violência...].

Essas realidades repercutem nos espaços escolares. Devemos, de fato, refletir como comunidades comprometidas com o bem das nossas sociedades indígenas, com as nossas escolas, com os nossos alunos, professores; qualidade de ensino-aprendizagem... Enquanto ficar reduzido como um esforço de gestores de escolas e lideranças continuará sem a sua força necessária para modificar o estilo de vida. Quando assumirmos decisões mais práticas com certeza as nossas vidas, comunidades e escolas vão respirar um novo ar. Em muitas assembléias e em muitas escolas muito se fala que a escola é da comunidade, a escola é comunitária; a escola age conforme o que a comunidade decide. Então como podemos fazer diante da realidade posta? Fica evidente, porém, que devemos fazer escolha e tomar decisões. No caso específico de escolas indígenas do alto rio Negro/AM, o consumo excessivo de bebida alcoólica deverá ser assumido como política pública (campanhas, conscientização, disciplinas, normas...).

Fechando a conversa!

“O homem ignorante não é o inculto, mas o que não conhece a si mesmo, e o homem culto é estúpido quando confia que livros, conhecimento e autoridade lhe darão entendimento. É através do conhecimento de si mesmo, que é a percepção de seu total processo psicológico, que o homem adquire entendimento. Assim, educação, no verdadeiro sentido, é a compreensão de nós mesmos, pois é dentro de cada um de nós que se encontra o todo da existência (KRISHNAMURTI, 2007, 167-168).

Este tema de **bebida** [fermentada, alcoólica...] e suas consequências há tempo provocam discussões freqüentes em reuniões de comunidades e comunidades educativas.

A previsão é de que tal realidade será modificada quando as comunidades e escolas decidirem dar um novo direcionamento para suas vidas, seus trabalhos, suas escolas.

Nós indígenas somos inteligentes e, aprendemos e ensinamos com facilidade o que aprendemos. A prova desta constatação está aí: professores, professoras, gestores (as), militares, enfermeiros, profissionais, lideranças, comerciantes, ministérios eclesiais [padres, ministros extraordinários, catequistas...]; desportistas, músicos... Muitos professores formados em cursos superiores e outros tantos estudando nas cidades. E, tantas realidades que nós indígenas assumimos e somos confiados pelas autoridades.

Somos capazes de gerar comunidades criativas, alegres, entusiasmadas. Assumir com alegria, entusiasmo e capacidade nos nossos espaços escolares a tarefa de ensinar/educar com certeza vai gerar muita qualidade do ensino-aprendizagem. As nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos estudantes merecem receber ensino de qualidade pelos bons profissionais.

Quando estamos sóbrios [física, mental e emocionalmente] nós fazemos muitas coisas maravilhosas. O que estraga, para alguns profissionais, é a bebida. Aí cai o nosso entusiasmo, alegria, capacidade de ensinar, capacidade de motivar etc.

A decisão de viver melhor a vida, antes de tudo é uma decisão pessoal. A comunidade [educativa] pode nos ajudar, mas vai funcionar se a pessoa decidir e aceitar a ajuda.

As nossas escolas são estruturas materiais, mas nós [professores, professoras, funcionários (as), gestores (as), alunos e alunas] somos pessoas humanas, precisamos cuidar de nós. Merecemos viver melhor!